

O PATRIMÔNIO CULTURAL LAGARTENSE

Os bens materiais não tombados

Floriano Santos Fonsêca

Músico, Historiador Lagartense e Bancário (BB)

Os estudos sobre a história de Lagarto afirmam a existência de agrupamentos humanos de origem colonialista na atual sede do município, desde a primeira metade do século XVII. Todavia, são poucos os vestígios desse período e a preservação do seu casario, por exemplo, não é notada, vivendo a cidade constantes transformações no que dizem respeito a seus aspectos urbanísticos. Chamaremos de “Centro Histórico”, o grupo de logradouros que compõem o núcleo primitivo da cidade e que seria a partir da Praça do Rosário até a Praça Filomeno Hora. Na Rua Misael Mendonça, ainda é possível notar algumas casas primitivas e do tipo beira-e-bica, sendo que apenas uma delas parece receber tratos para sua conservação. Trata-se da antiga residência da família Dantas cuja construção, segundo inscrição colocada recentemente, seria datada de 1822. Entretanto, tal afirmação carece de verificação e confirmação.

Segundo o escritor e historiador Adalberto Fonseca, a Rua Misael Mendonça teria sido o primeiro logradouro da Vila do Lagarto e seu calçamento, a paralelepípedo, seria fruto da demolição da “pedra do lagarto”, cuja existência serviria de prova ao nome do município. Rua de ligação das estradas que ligavam as diversas vilas do Estado, teve seu nome primitivo de Rua de Fora mudado para Rua de Estância. Após a luta armada ocorrida no Rio de Janeiro, em 1935 e conhecida por Intentona Comunista, quando um militar lagartense foi morto em combate, passou a chamar-se Rua Misael Mendonça, em sua homenagem.

Ao penetrar no arruado do “Centro Histórico”, é possível observar que as casas ganham aspectos cosmopolitas da época em que as platibandas eram símbolo de status, em substituição à beira-e-bica, e construções mais elevadas que trocam o adobe e a taipa pelo tijolo de olaria e pinturas elaboradas, podendo serem observados alguns traços, inclusive, da art nouveau.

Antiga Rua do comércio, a atual Rua Acrísio Garcez, também sofreu mudanças em seu nome: Rua da Vila, Rua Monsenhor Olímpio Campos e Rua Duque de Caxias. Ali viveram importantes cidadãos a exemplo de André Ramos Romero em cuja casa nasceu seu filho Sílvio

Romero, o mais ilustre lagartense. A construção primitiva foi demolida e substituída por várias reconstruções.

À medida que se aproximam da Praça da Piedade, as construções ganham volume e tornam-se mais elaboradas em seus elementos decorativos. Recentemente uma importante construção foi demolida (primeiro trimestre de 2008). Trata-se da casa onde viveu o Coronel Acrísio D'Ávila Garcez, político que dominou o município por mais de quatro décadas. Antes de receber o revestimento de azulejos nos anos setenta do século passado, a casa possuía uma pintura decorativa executada à mão, e que era uma característica das mansões e símbolo de status da sociedade local. Quando da sua demolição alguns aspectos de sua construção foram mostrados, a exemplo do madeiramento interno que servia de argolamento e sustentação às largas paredes de tijolos do velho casarão. Em nenhum instante, houve qualquer manifestação contra sua demolição, nem mesmo pelos antigos correligionários do líder político já falecido.

A Praça da Piedade, no início do século XX, ainda possuía muitas casas de beira-e-bica, mas, algumas décadas após, estaria repleta de belos casarões, inclusive de um sobrado com sacadas de ferro. As transformações econômicas do município levaram a sua quase total transformação com reconstruções do seu casario. Até mesmo a Igreja Matriz sofreu importantes transformações quando em 1928, o então pároco Monsenhor Marinho iniciou reformas que modificaram completamente o santuário. Antes, havia arcos externos e dois pequenos claustros que foram fechados para ampliar a área interna, e dois altares foram construídos nas laterais dando um formato de cruz ao templo. Atualmente, existem apenas algumas poucas casas que guardam seus aspectos primitivos. Surpreendentemente, o poder público municipal, pela primeira vez, manifestou alguma preocupação na manutenção do aspecto arquitetônico ao mandar restaurar a frente de uma casa recentemente adquirida pelo município e que será um anexo da prefeitura. O trabalho de restauração tem mostrado em sua pintura os mesmos aspectos da casa do Cel. Acrísio Garcez e chamado atenção de curiosos e estudantes.

Ainda na Praça da Piedade é possível observar uma das duas únicas casas da cidade, com suas paredes cobertas de azulejos portugueses. Atualmente pertencente à paróquia, o imóvel possui características interessantes por ter seu piso de assoalho de madeira, característica incomum no município e somente encontrado no prédio do antigo Grupo Sílvio Romero e na residência de Jose Marcelino Prata, na Av. Presidente Vargas. Outrora pertencente ao Dr. João Almeida Rocha, que desejando ver sua preservação, resolveu vendê-lo à Igreja por um valor inferior ao de mercado, para que pudesse ser preservado. Certamente será um dos poucos imóveis a sobreviver à faina modernista do lagartense, uma vez que já sofreu restaurações sem perder suas características

originais. Apesar da raridade dos seus azulejos, a casa paroquial, ao contrario da outra residência com paredes cobertas por esse tipo de cerâmica, possui seu telhado de beira-e-bica e janelas e porta arredondadas.

Um dos belos aspectos que é possível se notar nas residências que ainda sobrevivem à demolição, são os imponentes frontais com sancas, frisos e molduras que lembram brasões do império e, em alguns casos, há gárgulas estilizadas ou motivos florais. Exemplos desse tipo de arquitetura ainda são encontrados em quase todas as ruas do “Centro Histórico” a exemplo da Rua Etelvino Dantas, Praça da Piedade e Rua Cel. Souza Freire. Parece haver preocupação dos seus proprietários em manter os aspectos originais, independente da existência de quaisquer benefícios ou leis de proteção.

Em todo o antigo centro comercial da cidade, que se estendia da rua D. Pedro II até a Praça Filomeno Hora, o aspecto do casario raramente era modificado, mantendo-se sempre o aspecto neoclássico da platibanda. Em ambos os logradouros as transformações das residências em prédios comerciais modificaram a quase totalidade dos imóveis, ficando apenas os frontais e alguns raros prédios com suas características iniciais. Em nenhum dos casos, seus aspectos arquitetônicos foram aproveitados como ocorre em diversas cidades que valorizam o patrimônio como elemento característico e identificador.

Dos monumentos sob a custódia do Estado e Município, é possível notar que sua preservação é discutível quanto à responsabilidade e utilidade por parte do poder público. A prefeitura por ser o mais importante órgão do município mantém seu prédio com relativa preservação, ainda que, na parte interna, suas divisões em nada se pareçam com as do projeto inicial, enquanto seu exterior ainda tem as mesmas características de sua construção. Erigido no local da antiga “cadeia” do município, o Grupo Sílvia Romero que pertence ao Estado, ainda preserva no seu portal a águia, símbolo máximo da Administração de Gracho Cardoso. No início dos anos noventa do século passado, quase ruiu quando seu telhado foi retirado e por muitos anos ficou ao relento, inclusive apodrecendo todo seu assoalho de madeira, além de se demolirem os sanitários que ficavam num anexo na parte detrás do prédio. Atualmente, naquele local, funciona a biblioteca municipal. Entretanto, o perigo sempre ronda o prédio, pois não há proteção contra possíveis incêndios que o levariam à ruína e, pelo histórico do município, dificilmente seria reconstruído.

O cadastro do que ainda existe do patrimônio material de Lagarto, urge ser realizado, uma vez que, somente através de ações populares poderia ser salvo da ação predatória do poder público e de particulares que não possuem qualquer compromisso com sua preservação. Esse tipo de ação poderia provocar a Câmara Municipal a criar uma lei de proteção e regulamentação do patrimônio histórico do município. Enquanto essa ação não ocorrer, incontáveis monumentos serão demolidos calando a história e impedindo as gerações futuras de conhecerem seu passado. Os exemplos aqui mostrados não significam a totalidade do que ainda existe ou foi demolido, mas apenas um recorte da beleza do que se foi e do que poderia ser a Lagarto do futuro.